

# “Brasileiros sobre a Europa” – Brasil: além do centro e da periferia?

**Gerson Roberto Neumann**

Augusto Boal and Raduan Nassar are two important figures of Brazilian culture who reflected their country inside its borders as well as beyond them. In two of the writings that are part of the book *Lateinamerikaner über Europa*, which was organized by Curt Meyer-Clason, both of them write what they think about Europe. In “Um índio desterrado. Carta a um amigo” (A banished Indian. Letter to a friend), by Augusto Boal, one can see the reflection of a person who thinks about the relationship between Brazil and Europe from the perspective of theatrical activity, and, most specifically, the perspective of the “Theatre of the Oppressed”. Likewise, in “Imitação e valorização própria” (Imitation and self valorization), Raduan Nassar undertakes a socioeconomic reading of the relationship between the European continent and Brazil on a historical basis.

**Keywords: Brazil; Outskirts; Augusto Boal; Raduan Nassar; Literature.**

## 1 Introdução

O Brasil além do centro e da periferia ou a discussão em torno dos conceitos centro-periferia já é bastante antiga, mesmo na Literatura, mas há sempre novos pontos de vista que nos permitem uma releitura dos mesmos, uma vez que uma mudança no panorama político ou econômico de um dos países em questão – neste caso do Brasil ou da Alemanha – pode gerar uma série de novas relações entre eles.

É possível afirmar que o Brasil sempre representou um exemplo paradigmático desta obliteração da diferença centro-periferia. Atualmente,<sup>1</sup> esse fato ganha dimensões ainda mais claras. Assim, ao mesmo tempo em que o Brasil assume, na área das relações internacionais e no âmbito do surgimento de uma cultura dita mundial, um papel cada vez mais importante – e espera-se que a Literatura também tenha aí seu espaço – os desenvolvimentos nos campos econômico e social impõem prudência.

Nesse momento, um momento novo no cenário político brasileiro, perguntamos como no Brasil do terceiro milênio está sendo vista a Europa – em especial a Alemanha – e como o Brasil é visto agora pela Alemanha. Houve alguma mudança no modo de ver o Brasil, país do sul, ainda – e já há muito tempo – em desenvolvimento, industrializado, almejando ter acesso aos seletos grupos de planejamento e discussão do primeiro escalão mundial. Essas são apenas umas das muitas perguntas que também nos inquietam enquanto brasileiros, que desejam mais respeito por parte do dito mundo desenvolvido, civilizado, industrializado etc. Não se pretende ser tomado aqui por ressentido ou oprimido; deseja-se apresentar

---

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS; Brasil. Fax: 0055 51 3308 7303; Tel: 0055 51 3308 6696; e-mail: gerson.neumann@gmail.com*

reflexões de um sentimento comum a muitos brasileiros no que diz respeito a viver entre centro e periferia, que foi possível encontrar em forma escrita em obras literárias contemporâneas – uma das várias possíveis manifestações culturais.

A oportunidade de passar alguns anos fora do nosso país, permite-nos uma outra leitura do mesmo: Reconhecemos os muitos problemas e as dificuldades que cada um encontra para atingir uma estabilidade que permitiria um melhor nível de vida para os muitos brasileiros que vivem em condições não-humanas; mas por outro lado estar fora de casa permite-nos reconhecer que os ditos países civilizados também enfrentam problemas semelhantes aos nossos e, ao termos consciência disso, precisamos finalmente reconhecer que temos chances de fazer muito mais por sermos um país rico em diversos sentidos, bastando, enfim, mais auto-estima e coragem para fazer algo por nós mesmos. Para tal, precisamos nos sentir inseridos no mundo e vermos o mundo a partir do nosso ponto de vista.

Esses aspectos não são novos. Já foram percebidos e tematizados por autores brasileiros que viveram por algum tempo fora do Brasil ou simplesmente pensaram o nosso país inserido num contexto mais amplo. Nesse sentido, pretende-se realizar aqui uma breve leitura dos textos de dois de nossos importantes pensadores – Augusto Boal e Raduan Nassar –, reunidos no livro de textos selecionados com o objetivo de pensar justamente a América Latina além do centro e da periferia. Já no início da obra *Lateinamerikaner über Europa*<sup>2</sup>, organizado por Curt Meyer-Clason, numa nota sobre os textos, pode ser lido o seguinte comentário: “Desde 1500 a América Latina foi economicamente saqueada, politicamente tornou-se a bola da vez das potências mundiais, culturalmente foi-lhe imposta a civilização cristã-européia; em resumo, a América Latina tornou-se periferia” (Meyer-Clason 1987, 2). O livro aqui em questão teve sua primeira edição no ano de 1987 e a sexta em 1992, quando foram comemorados os 500 anos do descobrimento da América.

Além dos dois autores brasileiros que serão enfocados mais especificamente a seguir, foram convidados a escrever sobre o tema proposto: Antonio Callado, Haroldo de Campos, Márcio Souza e um breve, porém muito convicto, Ignácio de Loyola Brandão, com o texto *Europa hat uns nichts mehr zu sagen* (Europa não tem mais nada a nos dizer). Outros escritores como Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto foram também convidados, não puderam, porém, dedicar-se à escrita para esse importante livro. E, além dos brasileiros, podemos ler textos de Julio Cortazar, Gabriel García Márquez, Octavio Paz, entre outros.

## 2 Augusto Boal e Raduan Nassar

A seguir, após uma breve apresentação bibliográfica, acompanharemos os comentários sobre os textos dos dois autores aqui privilegiados, escritos especificamente para esse livro sobre a Europa.

Augusto Boal nasceu em 1931 no Rio de Janeiro, é diretor, autor de peças teatrais e teatrólogo. A partir de 1956 foi diretor do Núcleo de Teatro Arena, em São Paulo. Preso em 1971, no período da ditadura militar no Brasil, foi exilado em Buenos Aires até 1976. Mudou-se para Portugal, onde trabalhou como professor visitante e diretor do grupo teatral “A Barraca.” A partir de 1978 trabalhou em Paris como professor visitante e fundou o CEDITADE (traduzido, Centro de Estudos e de Difusão de Técnicas Ativas de Expressão). Tornou-se mundialmente conhecido com o “Teatro dos Oprimidos.”

Raduan Nassar nasceu em 1938 em Pindorama, em São Paulo. Formou-se em Direito e Filosofia. Trabalhou como comerciante, agricultor e jornalista. Dessa formação eclética resultaram poucas obras, mas essas de muita profundidade e tensidade, de modo que tiveram grande repercussão no país e também internacionalmente. Uma delas, *Lavoura Arcaica*, traduzida por Bertold Zilly sob o título *Das Brot des Patriarchen*, foi publicada há pouco tempo pela editora Suhrkamp, na Alemanha. *Lavoura Arcaica* também foi filmado com sucesso no Brasil.

Voltemos, portanto, ao texto de Augusto Boal, intitulado *Ein heimatloser Indio. Brief an einen Freund*<sup>3</sup> (Um índio desterrado. Carta a um amigo) (Boal, 1987, 78-88). O autor define a sua relação com a Europa naquele momento, nos anos noventa, como caótica. No texto, mais diretamente ligado à sua área de atuação – o teatro –, Boal busca definir e organizar a sua concepção de Europa na tentativa de responder a diversas perguntas que lhe surgem quando reflete sobre a questão. O cerne da problemática do texto de Boal está na presença de culturas por assim dizer “alienígenas” dentro da cultura latino-americana e da necessidade de se conseguir, como representante dessa cultura, fazer com que ela seja valorizada e respeitada mesmo fora do seu contexto. Para Boal, a América Latina foi e ainda é muito influenciada pela cultura européia e norte-americana. Para ele, o problema principal está no fato de que a América Latina absorve a importação cultural, assimilando-a, enquanto na Europa a cultura proveniente de fora geralmente acaba sendo classificada como folclore ou exótica, isto é, o corpo estranho é isolado como folclore para que assim perca sua força e não contamine a cultura local.

Depois de perceber que as suas peças teatrais, mesmo em Portugal, para ele o país mais latino-americano da Europa, estavam sendo vistas como folclore, Boal iniciou a sua atividade com as técnicas do Teatro dos Oprimidos, pois morando aí percebera que na Europa, antes por ele vista como grande, um todo fechado em si mesmo, também havia claras diferenças entre o norte e o sul, entre os nativos e os imigrantes, entre os pobres – ou menos ricos – e os ricos. Percebeu, enfim, que na Europa e dentro de cada país europeu existiam enormes diferenças, iguais às existentes nos países da América Latina. Também na Europa, segundo ele, há oprimidos e muitas pessoas infelizes.

Depois do resultado positivo com as técnicas do Teatro dos Oprimidos, Boal se pergunta se é possível, a partir desse sucesso, falar de uma influência latino-americana nessa atividade na Europa (a periferia passando a ser centro). Ele próprio acha que sim, mas de forma indireta, pois as relações, os contextos, os opressores e os oprimidos são diferentes. Enquanto no Brasil, por exemplo, é possível definir o opressor mais facilmente, na Europa os opressores estão mais na cabeça dos oprimidos. Isso não significa, segundo o autor, que no Brasil também não existam oprimidos com opressores abstratos e que na Alemanha, por exemplo, não exista um sistema de repressão visível. Mas esses são casos mais esporádicos, se fizermos uma generalização do todo.

O fato de estar fora de seu país, permitiu a Boal perceber as diferenças, muitas vezes sutis que existem no contexto cultural de um local para outro. A grande diferença entre o teatro latino-americano e o europeu por ele relatada no texto, e isso vale em parte para a maioria dos outros setores culturais, é a política de subvenção e a de restrição. Ele entende a questão da seguinte forma: Enquanto na América Latina existiu e em parte ainda existe uma real censura na área cultural, e há poucos recursos para esse setor, na Europa existem muitos recursos direcionados para a

cultura, no caso aqui o teatro. Para Boal essa forma de subvenção permite, porém, uma forma muito mais eficiente de controle: uma forma de censura mais elegante. Não podemos esquecer que para Boal a experiência da censura é ainda mais marcante devido às suas atividades teatrais durante o período da ditadura militar no Brasil, que foram consideradas subversivas, sendo, por isso, exilado. Para ele, o que também chama a atenção na Europa é a forma como se porta o público. Enquanto uma peça na América Latina pode causar reações de escândalo e desencadear agitações sociais, na Europa nada mais se faz, a não ser bater palmas, e isso porque, segundo Boal, o europeu já conhece tudo, já viu determinadas peças mais vezes e somente espera para a próxima vez um toque especial do diretor. Para ele parece que o europeu acha a maioria das peças massante. Esse fato deixa-se explicar principalmente ao se comparar a realidade social latino-americana e a européia: Nesta, a maioria da sociedade tem acesso à cultura e não sente falta das necessidades básicas, o que causa uma certa comodidade; enquanto isso, naquela a grande maioria luta por melhores condições e por isso uma peça teatral de cunho social em determinadas situações desperta a consciência.

Ao final de seu texto, Boal destaca a importância da vivência no exterior, pois permite a incorporação de características de cada lugar e de cada povo para a construção da identidade de cada um. O Brasil não deixará de ser o Brasil e o brasileiro não deixará de ser brasileiro se incorporar conhecimentos externos, mas importante é que o “ser-brasileiro” e o Brasil deixem de ser tratados de forma desigual.

Já no texto *Nachahmung und Eigenwert*<sup>4</sup> (Imitação e valorização própria) (Nassar 1987, 168-177), Raduan Nassar enfatiza, logo nas primeiras páginas, a supervalorização de produtos estrangeiros em oposição aos nacionais. O autor, fazendo uma breve retrospectiva histórica, cita o exemplo da marca alemã Solingen, conhecida mesmo no mais distante interior do Brasil. O orgulho brasileiro então estava na produção agrária e de minerais. Segundo o autor, já nisso é perceptível uma interferência externa, na tentativa de manter o Brasil um país produtor, escravo do poderio externo. A dependência brasileira, o fato de produtos estrangeiros serem preferência nacional, estende-se não somente à área econômica, mas também à toda a produção cultural. No campo cultural, segundo Nassar, o Brasil destacava-se somente no futebol e no samba, importando e copiando o restante. Na primeira metade do século XX, desempenhávamos, segundo ele, a função que nos era destinada no contexto internacional.

Segundo Nassar, nos anos quarenta o mundo foi abalado por grandes eventos, sucumbindo antigos impérios e surgindo novos centros: Centro do mundo era a Europa e o umbigo estava em Paris; o Brasil, parte da periferia, tendia a lançar seu olhar submisso sempre para lá. E, mesmo ocorrendo a passagem de poder para a antiga União Soviética e para os Estados Unidos, esses dois centros valem com suas características e suas idiosincrasias culturais como extensões da Europa.

Para os brasileiros e não-brasileiros que tendem a explicar a nossa “relativa pouca” produção, justificando o clima tropical e o fato de termos sido um país escravocrata, e por isso com uma grande população mestiça e negra, Nassar lembra que o grande Antigo Egito também é um país tropical e que o povo egípcio foi e é negro. Essas informações, lastima o autor, recebem pouca atenção nos nossos manuais didáticos. Além disso, o autor enfatiza que a Europa também é resultado da convivência e da mistura de diversos povos. E na Idade Média, lembra Nassar, caracterizada pelos historiadores europeus como a “idade das trevas”, a Europa era

povoada por mouros, e os povos nórdicos, que hoje são tomados como exemplos de povos civilizados, engatinhavam na História (dos vencedores).

Outro aspecto interessante e muito atual no texto de Nassar refere-se ao domínio de um povo sobre o outro, principalmente no tocante do discurso do dominador. Aparentemente, segundo o autor, o termo *Civilized World*, que é tão importante para os ingleses ilustres e indispensável nos discursos dos presidentes norte-americanos, tem muito a ver com as atividades nada elogiáveis dessas duas nações para com os países da periferia (Nassar 1987, 172). Aqui poderíamos iniciar outra longa discussão, se quiséssemos discorrer sobre a questão Iraque e mundo islã versus EUA. Mas queremos apenas chamar a atenção para a atualidade do texto de Raduan Nassar, que nesse momento entra na discussão em torno da história que é escrita por e para um determinado grupo. Segundo Nassar, a grandeza de cada personagem histórica está diretamente ligada à sua atuação dominadora sobre os vencidos, que geralmente não têm acesso à essa História.

Muitos povos, para tornarem possível a dominação de outros, apelaram para estudos que lhes dessem o aval para a dominação e conseqüente socialização. Assim, os índios das Américas, devido a sua “vida no pecado”, deveriam ser cristianizados e educados. Depois do “bom selvagem” de Rousseau segue o Freitag de Defoe, já sem grande importância, se comparado com a figura central: Robinson. As teorias raciais viriam para dizer que a raça branca é superior às outras ou então os habitantes dos trópicos seriam menosprezados, resultado da tentativa de ordenar o desenvolvimento dos povos a partir do ponto de vista geográfico. Há não muito tempo psicólogos sociais norte-americanos chegaram ao ponto de dizer que os povos asiáticos, mais especificamente o vietnamita, devido ao seu elevado índice populacional não dá valor à vida, toma a morte como algo banal e desconhece a dor que ela causa, ironiza Raduan Nassar.

Tratando diretamente do contexto brasileiro, Nassar critica aqui o autor de *Os Sertões* devido à forma como descreveu o sertanejo na sua obra, que “antes de mais nada é um homem forte” (Nassar 1987, 175). Nassar lamenta que Euclides da Cunha tenha reproduzido no seu livro as teses raciais que menosprezam o mestiço. Segundo o autor, Euclides da Cunha deve ter sido conduzido ao erro pelos seus antecessores que escreveram a história do Brasil, principalmente por Varnhagen, e por seus companheiros do jornalismo que na época reproduziam os preconceitos europeus no Brasil.

Outro aspecto que incomoda Raduan Nassar é a visão de “país do futuro” que acompanha o Brasil há muito tempo. O milagre econômico, diz-se ter passado. Segundo Nassar, o que não passou, porém, e aí está o receio do autor, é o sonho de grandeza do brasileiro. Na área cultural, o autor percebe uma maior autoconfiança, afirmando que “agora enfatizamos a necessidade de nos dedicarmos à nossa própria realidade” (Nassar 1987, 176).

### 3 Considerações finais

Desta forma temos à nossa disposição dois pequenos textos, porém, de relevância para uma releitura da expressão e da reflexão desses importantes autores brasileiros sobre a Europa. A intenção é também tornar mais conhecidos estes textos, portanto, uma oportunidade de refletir brevemente sobre as idéias de dois importantes representantes da produção escrita brasileira, nascidos nos anos trinta, que viveram o

Brasil do século XX, passaram pela ditadura militar e vivenciaram a abertura do país para a democracia. Ambos refletiram e repensaram o Brasil em relação à Europa, o Brasil dependente do poder do mais forte e ambos pensaram modos e maneiras de reverter a forma como o Brasil é tomado pelo outro, mas ambos buscam enfatizar principalmente a necessidade de o brasileiro identificar-se primeiramente como brasileiro que quer se fazer respeitado e para tal é necessário que o brasileiro seja ele próprio e seja primeiramente respeitado como brasileiro dentro do seu próprio país. Ambos apresentam soluções e formas para uma valorização da cultura e da produção nacional e não praticam somente a crítica vazia.

Deve-se muito à geração de Augusto Boal e Raduan Nassar por terem pensado um Brasil mais autoconfiante, mas percebe-se que muito do que eles escreveram na década de setenta – no caso desses dois textos, nós, como representantes da década atual, poderíamos fazer valer hoje, enfatizando a necessidade de um maior respeito para nós mesmos, em primeiro lugar.

A partir desta constatação poderíamos nos perguntar se Boal e Nassar são atuais?! Talvez fosse preferível dizer que, na verdade, pouco mudou no contexto mundial e que por isso o discurso dos escritores desse livro é aplicável para os dias de hoje. Cite-se aqui palavras do escritor alagoano Lêdo Ivo<sup>5</sup>, em entrevista dada ao jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, no dia 25 de setembro de 2004: “A função do escritor é dizer com uma voz nova aquilo que já foi dito” (Millen 2004, 2). Pode parecer um certo tom pessimista, citar as palavras de Ivo como fechamento aos textos dos dois autores vistos acima, mas em verdade na História pouco muda, mudam os donos do poder e mudam os oprimidos, que lutam por um lugar ao sol, mas as inter-relações geralmente são semelhantes. A partir das palavras de Ivo, observando, portanto, uma atualidade nas palavras de Boal e Nassar, poderíamos repetir hoje o que eles afirmaram nos dois textos contemplados. Podemos pensar, desta maneira, um Brasil diferente? Ou seremos meros reprodutores de idéias numa nova voz? Com certeza o Brasil dos anos setenta, quando esses textos foram escritos, é um e o de hoje é outro, mas, apesar do acelerado processo de modernização que o Brasil viveu no final do século XX, a posição das peças no tabuleiro continua a mesma há tempos.

Devemos reconhecer também que muito se fez pelo crescimento do Brasil nos últimos anos e principalmente pela autoconfiança e pelo respeito do brasileiro para consigo mesmo. O ser respeitado fora não depende somente de nós, mas uma boa parcela para que o sejamos depende sim de nós mesmos, pois se a falta de conhecimento dos europeus insiste em ver o Brasil hoje ainda como o país do samba, futebol e das paisagens maravilhosas, onde não há produção tecnológica nem cultural, é porque também devemos fazer algo para que se mude essa imagem. Essa forma de mostrar que somos alguém não deve ser concebida, contudo, de forma explicativa e de apresentação (desta forma mais uma vez submissa), mas sim a partir de um crescimento interno e isso refletido também no setor cultural.

## Notas

<sup>1</sup> Este texto foi produzido e apresentado originalmente no 6. Encontro do Grupo de Brasilianistas na Alemanha da ADLAF (Associação Alemã de Pesquisadores da América Latina), que ocorreu de 8 a

10 de outubro de 2004, em Berlin. Neste ano, o Brasil iniciava um processo de renovação política e esta foi tema de importantes discussões neste encontro.

<sup>2</sup> Meyer-Clason, Curt (Hrsg.) (1987): *Lateinamerikaner über Europa*, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1987.

<sup>3</sup> Boal, Augusto (1987): "Ein heimatloser Indio. Brief an einen Freund" in: C. Meyer-Clason (Hrsg.): *Lateinamerikaner über Europa*, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1987, p. 78-88.

<sup>4</sup> Nassar, Raduan (1987): "Nachahmung und Eigenwert", in: C. Meyer-Clason (Hrsg.): *Lateinamerikaner über Europa*, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1987, p. 168-177.

<sup>5</sup> Millen, Mânia (2004): In: *O Globo, Caderno Prosa e Verso*, 25/09/2004, Ano 80, Nr. 25.982, p. 2.